

**Área:** Humanas.

**Título:** CIÊNCIA E CONJETURA EM MIGUEL REALE

**Orientador:** RICARDO VÉLEZ RODRIGUES

**Autor:** BRUNO MACIEL PEREIRA,

**Resumo:**

A Metafísica Conjetural de Miguel Reale brota, como já foi dito, do esforço perene do espírito humano, em busca da captação do real em sua integridade. Se por um lado, Kant demonstra a inexequibilidade deste projeto, por outro, ele nos lega um intrigante paradoxo; O reconhecimento da fronteira do inexperienciável em contraposição a infinitude do Ser. Nesse sentido, a Metafísica Conjetural surge como uma tentativa de regular o que não se mostra ordenável na esfera dos conceitos, no intento da superação das lacunas deixadas pelo conhecimento demonstrável. Em última instância, a Metafísica Conjetural surge quando o conhecimento científico esbarra no campo do indeterminado. O pensamento conjetural, no sentido empregado por Miguel Reale, tem uma acepção estrita. O que não comporta o âmbito das simples opiniões (doxa), como o sentido empregado por Platão, ou devaneios como no sentido empregado por Karl Popper. A Metafísica Conjetural trata-se de uma autônoma categoria discursiva, dotada de um rigor lógico próprio. Trata-se de um novo caminho aberto pela semiótica, conforme as contribuições inovadoras de Pierce, que serve como instrumento de perquirição científica, embora seja de uma natureza diversa dos discursos demonstrativo ou probabilístico. Libertando-nos das amarras do conhecimento verificável. A Metafísica Conjetural deve se valer dos dados obtidos pela experiência, sob a condição de nunca entrar em contradição com o cientificamente comprovado. A conjetura se vale da intuição para chegar a áreas que transcendam o campo do experienciado, superando lacunas as quais não podemos deixar de pensar. Em outras palavras, as perguntas abordadas pela Metafísica Conjetural devem se fundamentar no que foi experienciado, conservando o seu sentido. Não se trata de uma mera projeção de um dado em empírico, mas sim de uma possível antecipação a um problema momentaneamente insolúvel. Ou seja, em outras palavras, o pensador paulista não entende a conjetura como modalidade discursiva que concorre com as ciências, mas como uma forma de pensamento autônomo, que deve atuar em comunhão com o conhecimento positivo. Em suma, para Miguel Reale o conceito de conjetura deve se assentar sob bases rigorosas, não se fundamentando em suposições gratuitas e sem bases, mas sim em suposições plausíveis que nos permitam uma aproximação de verdades ocultas ao campo fenomênico. As conjeturas se fundam a partir do que foi experienciado, alçando, todavia, um olhar que transcende o campo da experiência, estabelecendo pontes entre verdades assentes, antes separadas por vácuos conceituais. Reale reivindica status lógico próprio para o conceito de conjetura, pois, embora ela não se constitua em um campo científico, ela é capaz de “ensejar uma discussão racional de caráter crítico.